

to our findings. However, the lower incidence of IFI in the VEN+HMA setting raises questions about the generalizability of our analysis. It is possible that a specific subset of these patients, particularly those with poor prognostic factors, may still derive benefit from AFP. **Conclusion:** IFI are a less common occurrence in AML patients undergoing VEN+ HMA treatment than anthracycline regimens, but still occur frequently. However, while the use of AFP holds the potential to benefit this subset of patients, the evidence for this review is not definitive, highlighting the need for prospective studies to clarify the role of AFP before implementation in clinical practice. Until then, the decision to use AFP in this group of patients should be individualized.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1911>

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS TRANSPLANTES DE MEDULA ÓSSEA NA REGIÃO CENTRO-OESTE, DE 2013 A 2022

PPCO Silva^a, APM Paiva^a, FBJ Croitor^a,
GNR Silva^a, YAS Ivanoski^a, MF Dias^a,
AB Mingati^a, DFB Rêgo^a, MPP Oliveira^a,
GC Vieira^b

^a Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília,
DF, Brasil

^b Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP,
Brasil

Objetivo: Analisar e descrever a distribuição epidemiológica dos Transplantes de Medula Óssea (TMO) na Região Centro-Oeste (CO), de 2013 a 2022, com a proposta de identificar padrões e desigualdades dentro da região e em comparação às demais para entender melhor possíveis dificuldades locais e estabelecer estratégias de melhorias e facilitadores para a sua realização. **Materiais e métodos:** Foi efetuado um estudo transversal, retrospectivo, analisando os dados quantitativos, referentes aos TMO realizados na região Centro-Oeste, no período de janeiro de 2013 a dezembro de 2022. Utilizou-se a base de dados do Sistema Nacional de Transplantes para acesso das informações detalhadas dos transplantes realizados e suas quantidades. **Resultados:** Os transplantes, na região CO, variaram de 55 em 2013 a 200 em 2022, com um total de 1285, sendo a quarta em número de transplantes em comparação às outras regiões, representando apenas 4,78%. A unidade da federação com o maior número de transplantes da região foi o Distrito Federal (68,2%), seguido de Goiás (31,8%). Os estados Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não fizeram nenhum tipo de transplante. Foram realizados TMO autólogos, alogênicos aparentados e alogênicos não aparentados, respectivamente: Distrito Federal - 693, 143, 41 e Goiás - 316, 92, 0. **Discussão:** Dentre os três estados e o Distrito Federal, 50% não possuem Centro de Tratamento para TMO, sendo eles o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Isso obriga os pacientes a se deslocarem para outros estados, a fim de realizarem os tratamentos. Em relação às possíveis causas, pode-se mencionar a diferença de médicos hematologistas entre os estados, sendo que o Distrito Federal - o qual realizou mais Transplantes de Células Troncos Hematopoiéticas (TCTH) no

Brasil por milhão de população em 2022- possui um número de profissionais maior em comparação ao Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Nota-se também que o Distrito Federal possui dez centros especializados no TCTH, fator facilitador para o atendimento. Outro fator reside em determinantes geográficos, sendo que a capital do país está no Distrito Federal, contribuindo para o destino de recursos materiais e humanos, dificultando a criação de novos Centros de Tratamento em outros estados. **Conclusão:** O TMO é uma ferramenta terapêutica de fundamental importância para várias patologias, por vezes a única chance de cura para os pacientes que necessitam. Apesar disso, após a análise comparativa, foi possível observar não só uma significativa inferioridade entre CO e as outras regiões do país, quanto uma grande disparidade entre as confederações da própria região. Para que a redução da iniquidade regional seja alcançada, há urgência do direcionamento de investimentos e profissionais aptos a realizar o TMO para os estados do CO que ainda não o realizam.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1912>

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA ANEMIA FERROPRIVA NA POPULAÇÃO PEDIÁTRICA DO CENTRO-OESTE

AB Mingati, LM Matos, YAS Ivanoski,
MZ Rodrigues, APM Paiva, NV Gimenes,
JPO Gomes, WO Santos, JGDV Holanda,
DFB Rêgo

Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília,
DF, Brasil

Objetivos: Investigar os aspectos epidemiológicos da Anemia Ferropriva na população pediátrica, com o objetivo de identificar os fatores de risco e padrões de incidência que possam ser alvos de futuras estratégias de prevenção e cuidado. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo, com uma análise quantitativa dos casos de anemia ferropriva na população pediátrica na região Centro-Oeste (CO) no intervalo de 2013 a 2023. Os dados foram obtidos na plataforma DataSUS, e as variáveis estudadas foram: idade, internações, cor/raça, sexo e regiões do CO. **Resultados:** O perfil observado da anemia ferropriva na população pediátrica do Centro-Oeste no período de 2013 a 2023 apresenta predominância de crianças menores de 1 ano e de 1 a 4 anos, representando, na faixa etária até 19 anos, respectivamente, 26,2% e 28,1%. Em relação à cor, nota-se predomínio da população parda, 41,6% do total. O sexo feminino é o mais acometido, com notificação de 713 mulheres e 497 homens. Dentre os estados da região Centro-Oeste, Goiás e Distrito Federal possuem o maior número de casos, com praticamente a mesma quantidade, 318 e 319 respectivamente, sendo que o Mato Grosso apresentou o menor número de internações, 266. **Discussão:** A partir dos resultados obtidos, tem-se que há uma maior prevalência de anemia ferropriva em crianças menores de 1 ano e de 1 a 4 anos refletindo, a vulnerabilidade dessas faixas etárias devido às suas elevadas necessidades de ferro durante os primeiros anos de vida, uma vez que a reserva de ferro armazenada no fígado começa a diminuir após os 6 meses de vida, além de

aumento na demanda devido ao crescimento acelerado nesse período. A predominância da população parda (41,6%) entre os casos de anemia ferropriva indica disparidades socioeconômicas e de acesso à saúde. A maior prevalência de anemia ferropriva em meninas (713 casos em comparação a 497 em meninos) está relacionada a fatores fisiológicos sexuais como a menacme, que resulta em maior demanda de ferro, além da influência hormonal, uma vez que níveis mais altos de estrogênio estão associados a uma queda na absorção de ferro, destacando a importância de intervenções específicas para essa população, especialmente na adolescência. **Conclusão:** Diante dos dados e resultados obtidos, destaca-se a necessidade de estratégias sensíveis às disparidades socioeconômicas e étnicas da região CO e do país como um todo para prevenção e cuidado. A alta incidência na região ressalta a importância do monitoramento e intervenção precoce, considerando que a faixa etária mais acometida por complicações que resultam em internações abrange justamente entre 0 e 4 anos. Desafios incluem melhor adesão aos cuidados desde o pré-natal, com as suplementações indicadas, até o acesso facilitado a esquemas nutricionais adequados e tratamentos especializados. Políticas públicas e fortalecimento da atenção primária são cruciais para reduzir a incidência e os impactos da anemia ferropênica na região.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1913>

DESAFIO DE KOBAYASHI-MARU: USANDO A FICÇÃO PARA DISCUTIR SITUAÇÕES DIFÍCEIS

LFB Botelho

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil

Introdução: Durante o o curso de graduação em medicina poucas são as oportunidades que os estudantes têm de debater questões como morte, cuidados paliativos e dilemas éticos. A percepção cultural de que os médicos são super heróis dificulta a aceitação, por parte da maioria, de que em muitas situações não como há evitar desfechos negativos em relação a evolução clínica dos pacientes. O desafio de Kobayashi-Marui, apresentado no filme Jornada nas Estrelas - a ira de Khan, e uma forma interessante e lúdica de trabalhar essas questões em sala de aula. Este é um relato de experiência. **Materiais e métodos:** O professor da disciplina de hematologia elaborou um caso clínico fictício e distribui para os alunos. O paciente fictício era portador de um tipo de leucemia refratária ao uso dos quimioterápicos clássicos e que a chance de sucesso de um transplante de medula era ínfima, enquanto a possibilidade de morrer por conta do procedimento era significativa. Nesse caso, se o paciente realizasse apenas o tratamento paliativo ele teria uma sobrevida de 6 meses. Para complicar ainda mais o caso, a esposa dele estava grávida e não queria que o marido tentasse o transplante pois, apesar de lhe restarem poucos meses de vida, ele ainda teria chance de conhecer o filho antes de partir. Já a mãe do paciente queria que o filho realizasse o procedimento, pois acreditava que qualquer chance de sucesso valia a pena. Para os alunos foram dados o desafio de tentar encontrar uma solução onde

todos os integrantes desse núcleo familiar saíssem satisfeitos. Os alunos não tinham o conhecimento que não havia solução para o dilema. **Discussão:** Cinquenta alunos participaram da atividade. Ao tentar encontrar a solução para esse dilema médico, os alunos realizaram diversas linhas de pesquisa e se depararam com questionamentos fundamentais que tangenciavam assuntos como: morte, ética médica, direitos legais do paciente, diálogo com os familiares, conduta humanizada, dentre outros. Após as respostas serem entregues, todos se reuniram em uma sala para discutir as diferentes perspectivas e soluções para um dilema médico tão complexo. Nenhum aluno, inicialmente, compreendeu que não havia solução sendo que 40 (80%) não aceitaram o fato de perder a batalha para a doença, 6 (12%) assumiram que iriam burlar seus princípios éticos para solucionar o caso e 4 (8%) preocuparam-se mais com o bem-estar da esposa. **Conclusão:** Ao abordar temas essenciais para a formação médica utilizando-se de referências que se situam no contexto sociocultural dos estudantes de medicina - compostos em sua maioria de adultos jovens e possível aumentar ainda mais o interesse dos alunos em discutir e refletir sobre dilemas que certamente serão vividos pela maioria durante sua atuação como médicos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1914>

LINFOMA PLASMABLÁSTICO ASSOCIADO AO HIV: UM RELATO DE CASO

RLFA Paiva, RS Rodrigues, VL Bueno, IC Braga, HJ Salgado, GLP Medeiros, LJ Salgado, KDB Vasconcelos, MPS Souza

Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre, MG, Brasil

Objetivo: Relatar um caso diagnóstico de linfoma plasmoblástico em um paciente de 61 anos após apendicectomia associado ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). **Material e métodos:** Paciente masculino, 61 anos, encaminhado ao hematologista com histórico de apendicectomia por apendicite supurada, com realização de biópsia que sugeriu linfoma. Ao exame, apresentava-se em regular estado geral e emagrecido, em uso de sonda vesical de demora, sem demais alterações. PET-CT demonstrou hipercaptação de radiofármaco em massa sólida na escavação pélvica, de limites mal definidos, medindo 12cm, em contato com alças intestinais (SUV 33), em linfonodos retroperitoneais, mesentéricos e nas cadeias ilíaca interna direita e externa esquerda, medindo até 1,7cm (SUV 28,3), em nódulo sólido na parede abdominal esquerda medindo 1,8cm (SUV 27,7) e em espessamento parietal do íleo terminal. Imunohistoquímica demonstrou linfoma plasmoblástico ao FISH com positividade para EBV. No âmbito laboratorial, destaca-se anemia normocítica. Western blot reagente para HIV. **Resultados:** Paciente foi encaminhado para realização de quimioterapia, com seguinte resultado da imunohistoquímica: linfoma plasmoblástico ao FISH, positividade para EBV. **Discussão:** O linfoma plasmablástico é um tipo de linfoma não Hodgkin (LNH) descrito como sendo a manifestação linfoproliferativa de menor incidência e com